

A ESPANHA EM TRÊS TEMPOS: HISTÓRIA E NOSTALGIA EM JOSÉ MANUEL QUINTANA E W. H. AUDEN

SPAIN IN THREE TIMES: HISTORY AND NOSTALGIA IN JOSÉ MANUEL QUINTANA AND W. H. AUDEN

Matheus Rodrigues Gonçalves¹

Graduado em Letras

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

(rg.matheus@gmail.com)

RESUMO: O trabalho analisa os poemas *A España después de la revolución de marzo* (1808), de José Manuel Quintana, e *Spain 1937* (1937), de W. H. Auden, a partir de uma leitura crítica apoiada nas noções de Hugo Aust (2016) sobre Literatura e História, bem como nos estudos de Svetlana Boym (2001) sobre a *nostalgia*. O trabalho estabelece um paralelo pelo qual se pode perceber semelhanças e diferenças no modo como ambos os autores escreveram sobre o passado, o presente e o futuro da Espanha durante dois momentos históricos.

Palavras-chave: Literatura espanhola. Literatura inglesa. Guerra civil espanhola. Guerras napoleônicas

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the poems *A España después de la revolución de marzo* (1808), by José Manuel Quintana, and *Spain 1937* (1937), by W. H. Auden from a critical reading based on Hugo Aust's (2016) notions of Literature and History and Svetlana Boym's (2001) studies on *nostalgia*. This paper establishes a parallel in which it is possible to notice the similarities and differences concerning the way both authors wrote about the past, the present and the future of Spain in two historical moments.

Keywords: Spanish Literature. English Literature. Spanish Civil war. Napoleonic wars

Introdução

Na **Poética**, Aristóteles defendia que “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade” (ARISTÓTELES, 2008, p. 54) e daí seguiria para a noção de que a narrativa de um poeta e a de um historiador seriam diferentes apenas no que diz respeito ao sentido que cada um emprega ao que propõe narrar. Pois diferem “pelo facto de um relatar o que aconteceu e o outro o que poderia acontecer” (ARISTÓTELES, 2008, p. 54). Posto dessa maneira, Aristóteles não apenas delimitava a diferença entre essas duas narrativas, como também mostrava a linha tênue entre elas. Ainda sobre o poeta na antiguidade clássica, pode-se dizer que

¹ Mestrando em Teoria da Literatura. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1322-9704>.

este gozava do *status* de “funcionário da fama” (ASSMANN, 2011, p. 43), uma vez que era o responsável por reverberar os grandes feitos dos heróis de seu povo.

Baseando-se nessas afirmações a respeito do *modus* do poeta, entendido aqui como o sujeito que utiliza da palavra para criar arte, este trabalho propõe analisar dois poemas da autoria de dois autores de nacionalidades e temporalidades diferentes, mas aos quais o tema de uma ameaça de ruptura surgiu em diferentes períodos da história de um mesmo país. Esse tema os permitiu refletir acerca do passado, do presente e ainda projetar um futuro ideal por meio do fazer poético. Um desses poetas é José Manuel Quintana, e o poema que aqui se analisa intitula-se *A España después de la revolución de marzo*, poema em que reflete sobre o passado, o presente e o futuro de uma Espanha que se via sob a ameaça de Napoleão Bonaparte. O outro poeta analisado é o inglês W.H. Auden que, instigado pelo cenário desolador de uma Espanha que passava pelos anos da Guerra Civil, escreve o poema *Spain 1937*, no qual, como Quintana, irá tecer uma reflexão sobre os rumos daquele país, e também de toda a civilização ocidental, em três tempos: o ontem, o hoje e o amanhã.

Sobre os temas e as ferramentas utilizadas por escritores para acessar o **passado**, Hugo Aust, em **O Romance Histórico e suas formas**, descreveu uma série de artifícios narrativos nos quais diferentes autores da ficção histórica se apoiaram ao escreverem seus textos. Entre estes estariam aquilo que chamou de “sinais históricos”, que diriam respeito às “datas, nomes (de pessoas, locais, acontecimentos, épocas), detalhes da história cultural e de costumes, documentos oficiais” (AUST, 2003, p. 14) e que, segundo o autor “atuam no triângulo de relações da situação do leitor, da gênese da obra e do tempo narrado” (2003, p. 14). Essas e outras colaborariam para a elaboração de um narrador que conhece o lugar e a época de sua narração no âmbito histórico, fazendo o leitor “passear no presente por aquelas ruínas, sob cujo verniz natural repousa a cultura do passado” (2003, p. 14).

Por mais que os textos de Manuel Quintana e de Auden tenham sido frutos do tempo de suas escritas, e dos episódios por eles narrados, o que desde já eliminaria a noção destes textos como históricos, o fato é que ambos apresentam aqueles “sinais”, ao narrar eventos históricos passados, para tecer as mensagens e as reflexões de seus poemas. Esses “sinais”, nos casos dos dois autores, surgirão em seus versos na forma de vultos da história; de figuras históricas; objetos do passado

ou ainda de costumes. Esses sinais, aqui defendemos, parecem surgir como ligação nostálgica a um passado glorioso, e a eles, portanto, caberá uma análise baseada nos estudos de Svetlana Boym, em seu *The future of nostalgia* (2001), a respeito da nostalgia, uma vez que para a autora esse sentimento estaria, entre outras questões, relacionado ao patriotismo e ao nacionalismo (2007, l.56), como veremos mais especificamente em Quintana, ou ainda à perda de um universo de fronteiras delimitadas (2007, l. 65), como fica mais evidente no texto de Auden.

Assim, o presente artigo inicia por uma análise crítica do poema *A España después de la revolución de marzo*, de José Manuel Quintana, seguindo para uma leitura do texto *Spain 1937*, de W.H. Auden, e encerra por uma conclusão na qual se discute as aproximações de ambos os textos nas questões que envolvem os temas da história e do sentimento nostálgico.

A Espanha de José Manuel Quintana

José Manuel Quintana (1772-1857) foi um poeta, biógrafo e político espanhol bastante engajado nos acontecimentos de seu tempo. Escreveu o poema *A España después de la revolución de marzo* a partir do episódio conhecido na história da Espanha como *El motín de Aranjuez*, quando populares, liderados por Fernando VII, buscaram destituir Manuel Godoy, secretário de Estado do Rei, e impor a abdicação da coroa de Carlos IV em detrimento ao filho Fernando VII por meio de um motim no palácio de Godoy, situado no Palácio Real de Aranjuez, entre 17 e 19 de março de 1808. Exitosa, a investida resultou na abdicação de Carlos IV e na coroação de Fernando VII, que reinou durante o curto período de março a maio de 1808. O poema de Manuel Quintana foi, portanto, escrito no “calor do momento”, uma vez que data do mês de abril de 1808, logo após os acontecimentos de Aranjuez e antes da substituição de Fernando VII por José I Bonaparte.

A proximidade com o acontecimento, que naquele momento ainda não possuía o caráter e a dimensão histórica de hoje, não excluem os aspectos históricos do poema escrito por Manuel Quintana ainda naquele tempo. *A España después de la revolución de marzo* é um longo poema no qual Quintana utilizará de três tempos para refletir sobre a situação da Espanha após os ocorridos de Aranjuez. Ao longo de nove estrofes, “Quintana escribe en un estilo sonoro y ampuloso, más heroico que lírico, y teniendo siempre como preocupaciones centrales la gloria de la patria y los

progresos científicos” (GARFIELD; SCHULMAN, 1991, p. 173). Essas dimensões épicas do poema estarão no dialogar do poeta com uma Espanha que parece sem rumo, cabendo ao narrador rememorar o passado da pátria e discutir os acontecimentos presentes. No poema de Quintana, a própria pátria espanhola ocupa papel de destaque, isto é, o próprio povo espanhol surge como interlocutor implícito do poeta.

Tomemos então, para a análise do texto, aquelas passagens do poema em que a temporalidade **passado-presente-futuro** estão mais bem delineadas, a fim de discutir suas funções históricas, estéticas e sociais no âmbito do texto. Iniciemos então pela primeira estrofe, em que o poeta parece chamar a pátria, mais especificamente o **povo** que a constitui, para dialogar sobre sua identidade ao longo do tempo:

¿Qué era, decidme, la nación que un día
reina del mundo proclamó el destino,
la que a todas las zonas extendía
su cetro de oro y su blasón divino?
Volábase a occidente,
y el vasto mar Atlántico sembrado
se hallaba de su gloria y su fortuna.
Do quiera España: en el preciado seno
de América, en el Asia, en los confines
del África, allí España. El soberano
vuelo de la atrevida fantasía
para abarcarla se cansaba en vano;
la tierra sus mineros le rendía,
sus perlas y coral el Oceano,
y dondequier que revolver sus olas
él intentase, a quebrantar su furia
siempre encontraba costas españolas.
(QUINTANA, 1910, p. 179)

O poema abre com uma pergunta marcada pelo tempo verbal presente, e destinada ao coletivo, aqui marcada pelo imperativo plural *decidme*. Quintana busca obter do povo espanhol daquele presente as respostas para os rumos da Espanha e inicia, portanto, revolvendo o passado glorioso de sua pátria. No segundo verso, a ideia de uma Espanha “reina del mundo” logo remete ao passado da era dos descobrimentos, quando “a todas las zonas extendia su cetro de oro y su blasón divino”. Assim, o poeta resgata a magnitude das investidas hispânicas, contando sobre o “soberano vuelo” do império por terras distantes e concluindo a estrofe com os versos “y dondequier que revolver sus olas/ él intentase, a quebrantar su furia/ siempre encontraba costas españolas”, construindo a imagem de uma Espanha tão

poderosa e uniforme a ponto de desafiar a fúria do próprio Oceano. Aqui, podemos entender esses versos como um saudosismo à Espanha governada por Carlos IV, quando o império espanhol atingiu seu ápice em expansão — tempo em que também reivindicou para si as colônias portuguesas por meio da União Ibérica. O último verso, que afirma “siempre encontraba costas españolas”, parece concordar com essa ideia, uma vez que a Espanha de Carlos IV era também conhecida como “o império em que o sol nunca se põe”, dada a abundância de territórios conquistados no ocidente e no oriente.

Esta estrofe é a mais representativa do passado no texto, pois dialoga diretamente com a História do país e reverbera acontecimentos já conhecidos pelos compatriotas leitores, por já estarem cristalizados na memória cultural coletiva. O passado surge também em outro ponto do poema, entremeado aos versos em que reflete sobre o presente, como quando, na sétima estrofe (106-109), evoca a figura de mitos espanhóis de tempos distantes aos dos fatos recentes, como o rei católico Fernando III; El Cid; Gonzalo Fernandez de Córdoba, ou ainda quando equipara Napoleão à figura de Atila, rei dos Hunos que dominou a Europa no século V. Recursos que, no sentido do texto, parecem visar, por meio da evocação histórica dos heróis nacionais, à nostalgia e ao sentimento patriótico do leitor. Nesse sentido, podemos afirmar que todo esse fundo histórico evocado por Quintana propõe não apenas narrar o passado glorioso da Espanha, mas também instigar o sentimento patriótico e nostálgico no povo espanhol, ao qual a pergunta de abertura do poema se direciona.

A respeito do sentimento patriótico evocado pelo lamento nostálgico, Svetlana Boym, defende que os intelectuais do tempo de Quintana, nacionalistas românticos, “looked for **memorative signs** and correspondences between their inner landscape and the shape of the world. They charted an affective geography of the native land that often mirrored the melancholic landscape of their own psyches” (BOYM, 2001, I. 73). Assim, o que o autor faz é projetar paralelos entre o passado internamente idealizado e a realidade externa, melancólica, em que se encontra. Narrar os feitos gloriosos da pátria tem aqui, portanto, a função de instigar no leitor tanto a nostalgia de um passado perdido quanto a esperança de retomar esses dias de glória no futuro.

Quanto ao presente nessa obra de Manuel Quintana, ele surge nas reflexões do poeta a respeito dos fatos recentes ao seu tempo de composição. No que tange a

essas manifestações no poema, podemos tomar como exemplo a segunda estrofe, que abre com uma metáfora para a situação atual de uma Espanha ameaçada por Napoleão Bonaparte. Nela, o poeta compõe uma imagem de Espanha que visa a contrastar com aquela evocada no primeiro momento: “Ora en el cieno del oprobio hundida,/ abandonada a la insolencia ajena, /como esclava en mercado, ya aguardaba /la ruda argolla y la servil cadena” (QUINTANA, 1910, p. 180). Essa Espanha marcada pelo adverbio “ora” contrasta com aquela de passado triunfante da primeira estrofe. O presente tratado nesses versos é um presente metafórico, em que a Espanha perde sua majestade. Se antes a pátria ostentava cetro de ouro e brasão divino, agora encontra-se como uma escrava que ostenta apenas argolas e correntes. Esses versos parecem também estabelecer um contraste entre colonizador e colonizado, senhor e servo, o que reforça a intenção de Quintana em formar a dualidade **passado-presente** a partir da construção de uma Espanha que se perdeu em uma virada do destino. Ainda a respeito dos acontecimentos próximos ao poeta, pode-se citar os versos em que implicitamente introduz a figura de Napoleão: “Llega el momento, en fin; tiende su mano/ el tirano del mundo al occidente,/ y fiero exclama: «El occidente es mío»” (QUINTANA, 1910, p. 181). Este passado recente, que na narrativa ganha um sentido de momento presente, é narrado pelo poeta para que o leitor se inteire a respeito dos fatos e compreenda a razão pela qual a Espanha encontra-se naquele estado anteriormente narrado.

O diálogo com os interlocutores implícitos também é a marca do tempo presente no texto, pois a todo instante Quintana direciona-se aos compatriotas por verbos no imperativo plural. Assim, destacam-se os pontos do texto nos quais diz aos interlocutores coisas como “Desenterrad la lira de Tirteo” (QUINTANA, 1910, p. 182), “Despertad, raza de héroes” (QUINTANA, 1910, p. 183), “Juradlo, ella os manda” (QUINTANA, 1910, p. 183). Essas por si só nos fazem perceber a intenção engajada que a presença de interlocutores desempenha no âmbito do poema, pois sem eles o discurso de Quintana tomaria a forma de um monólogo melancólico no qual, sem companheiros de luta, lamenta a perda dos valores da pátria.

Quanto às marcas de um **futuro** na narrativa, elas encontram-se nas penúltima e última estrofes, pois são aquelas em que o poeta lança na narrativa as ações que levarão a um futuro em que retomará a glória de seu povo. Inicia a penúltima com a súplica “Despertad, raza de héroes: el momento/ llegó ya de arrojarse

a la victoria;/ que vuestro nombre eclipse nuestro nombre,/ que vuestra gloria humille nuestra gloria (QUINTANA, 1910, p. 183) Essa estrofe marca também o ponto do poema em que a narrativa de Quintana tem sua virada. Toda a sucessão de fatos, desde o passado glorioso ao presente conturbado, busca levar o leitor e o poeta a essa tomada de atitudes. A última estrofe, por sua vez, é aquela que apresenta as marcas do futuro na narrativa de Quintana:

Sí, yo lo juro, venerables sombras;
yo lo juro también, y en este instante
ya me siento mayor. Dadme una lanza,
ceñidme el casco fiero y refulgente;
volemos al combate, a la venganza;
y el que niegue su pecho a la esperanza
hunda en el polvo la cobarde frente.
Tal vez el gran torrente
de la devastación en su carrera
me llevará. ¿Qué importa? ¿Por ventura
no se muere una vez? ¿No iré, expirando,
a encontrar nuestros ínclitos mayores?
«¡Salud, oh padres de la patria mía»,
yo les diré, «salud! La heroica España
de entre el estrago universal y horrores
levanta la cabeza ensangrentada,
y, vencedora de su mal destino,
vuelve a dar a la tierra amedrentada
su cetro de oro y su blasón divino».
(QUINTANA, 1910, p. 183)

Esta estrofe joga com o presente e o futuro entre os seus versos. Enquanto o poeta faz juras, e pede para que seus compatriotas lhe preparem para a batalha, no presente, logo propõe um “volemos al combate, a la venganza”, marcando assim um futuro próximo em que a batalha ocorrerá. Também os versos 8-9 da estrofe enunciam os futuros perigos dessa investida proposta. A conclusão de Quintana, sua previsão de futuro para esse evento a ser levantado é uma Espanha que vence “su mal destino” e que “vuelve a dar a la tierra amedrentada/ su cetro de oro y su blasón divino”, aqui, essa repetição do cetro de ouro e do brasão divino, da primeira estrofe, propõe lançar para o futuro os feitos históricos do passado, estabelecendo uma conclusão circular e gloriosa, em que a Espanha voltaria ao ponto inicial de sua grandeza. Isso, mais uma vez reforça a ideia do **passado** e da História no poema como artifícios para um ideal patriótico a ser alcançado no futuro. A mensagem de Quintana sugere que, caso o povo desperte e resolva se revoltar à situação de servidão do país ao Império francês,

poderão fazer daquele presente infortunado apenas um momento conturbado da história de uma nação grandiosa e inabalável.

Quintana, portanto, se vale da temporalidade **passado-presente-futuro**, ainda que de forma implícita, para narrar os fatos que circundavam seu momento atual. O **passado**, desencadeador do sentimento melancólico, cumpre o papel de base para as ações futuras; o **presente** desempenha as reflexões e os diálogos a respeito dos fatos próximos; o **futuro** surge como um ponto de influência, é a promessa de êxito da resistência do povo espanhol às investidas napoleônicas.

A Espanha de W.H Auden

No ano de 1937, o poeta inglês Wystan Hugh Auden esteve na Espanha durante um mês e meio, período no qual operaria como motorista de ambulância para os Republicanos durante a Guerra Civil Espanhola, mas em que acaba sendo escalado para o trabalho de propaganda. Apesar do pouco tempo de estada na Espanha, Auden não deixou de abalar-se pelas inúmeras cenas que testemunhou durante aquele curto período. E é baseando-se nessas experiências e observações que Auden compõe o poema-livreto *Spain*², no qual reflete sobre o **passado**, o **presente** e o **futuro** de uma Espanha, e de toda civilização ocidental, desestruturada de seu passado grandioso. O poema, para o escritor George Orwell, em seu ensaio *Inside the whale*, é “one of the few decent things that have been written about the Spanish war” (ORWELL, 1940, n.p).

O poema *Spain* de Auden trabalha com três tempos explicitamente marcados nos versos que compõem a obra: **ontem**, **hoje** e **amanhã**, uma maneira um tanto simples de tratar **passado**, **presente** e **futuro**, e que indica também o importante papel do **presente** na composição do poema, haja vista que **ontem** (passado) e **amanhã** (futuro) só podem ser evocados e medidos por um **hoje** (presente) em que tece suas reflexões.

O poema, portanto, inicia evocando imagens de um passado distante por meio dos seguintes versos³: “Ontem todo o passado. A linguagem do tamanho/ Expandindo-se à China por rotas de comércio; a difusão/ Do ábaco e do *cromlech*;/ Ontem o cálculo das sombras em regiões solares” (AUDEN, 2013, p. 61). A escolha

² O poema, mais tarde, seria revisado e intitulado *Spain 1937*

³ Preferiu-se utilizar a versão traduzida do poema.

na junção das palavras **ontem** e **passado**⁴ busca esclarecer a distância temporal entre o poeta e aquilo que propõe narrar, sendo também o ponto inicial do artifício de evocar **ontem, hoje, amanhã** que Auden trabalhará em todo o restante do poema. O verso de abertura, portanto, parece trabalhar com imagens de progresso de civilizações, a presença da China, e a menção implícita à **Rota da Seda**, parecem sugerir que esses versos dizem respeito ao progresso das civilizações ocidentais no passado. Aqui podemos dizer que Auden não trabalha apenas com o passado da Espanha, mas de todas as civilizações europeias que prosperaram no passado por meio de expansionismos e trocas. Ainda nesse sentido, a terceira estrofe, em que diz “Ontem a abolição de fadas e gigantes;/ A fortaleza, águia imóvel a vigiar o vale,/ A capela construída na floresta./ Ontem a talha de anjos e gárgulas medonhas;”(AUDEN, 2013, p. 61) sugere a abolição dos mitos anteriores e a propagação da igreja, resultando em góticos “anjos e gárgulas medonhas” (AUDEN, 2013, p. 61). A quarta estrofe continuará no âmbito religioso, mas tornará mais explícita a presença histórica da igreja no território espanhol, ao evocar “O julgamento de heréticos entre colunas pétreas;/ Ontem disputas teológicas em tascas/ E a cura milagrosa junto à fonte;/ O Sabá das Bruxas ontem. Hoje, porém, a luta.” (AUDEN, 2013, p. 61) versos que lançam imagens do período da Inquisição Espanhola em um ontem povoado por mitos cristãos e pagãos — e aí, então, talvez uma referência ao *El Aquelarre* de Francisco de Goya e às **pinturas negras**. Um ponto interessante dessa estrofe é a evocação do tempo presente por meio do “Hoje, porém a luta⁵” em oposição ao **Ontem**, essa é a primeira recorrência dessa justaposição em uma estrofe do poema, mas que se repetirá ao longo de algumas das estrofes seguintes.

Essas evocações de imagens do passado da civilização espanhola parecem querer suscitar a melancolia do passado cheio de progressos ao mesmo tempo em que também parecem querer constituir uma base para a reflexão das civilizações no presente. Mais uma vez valendo-se dos estudos de Svetlana Boym, podemos acrescentar que a nostalgia, na modernidade, “is a mourning for the impossibility of mythical return, for the loss of an enchanted world with clear borders and values” (BOYM, 2001, l. 65) e que, portanto, os versos de *Spain* que versam sobre o passado claramente apoiam-se nesse tempo de fronteiras e valores bem delineados, mas

⁴ Respectivamente *yesterday* e *past*, no original.

⁵ No original inglês, “But to-day the struggle.”

inacessível no momento presente. A frase “Hoje porém a luta” que se faz presente a todo instante no final desses versos, como forma de estabelecer um paralelo entre um mundo de fronteiras e valores estabelecidos e um mundo de fronteiras e valores fragmentados. O artifício da justaposição **ontem/hoje** é a principal marca da ruptura no texto.

O poema segue nesse jogo de evocar imagens do passado ao mesmo tempo em que puxa o leitor para o momento presente por meio do **Hoje** até começar a introduzir estrofes iniciadas pelo advérbio **amanhã**, as marcas do futuro no texto. Essas estrofes são as de conteúdo mais otimista no poema, pois carregam em si certa esperança a respeito do futuro da nação.

Como exemplo, podemos citar a primeira estrofe que versa sobre o **amanhã**: “Amanhã o futuro talvez: a pesquisa da fadiga/ Dos movimentos de empacotadores: a exploração gradual de/ Todas as oitavas da radiação;/ Amanhã a consciência alargada pela respiração e por dietas” (AUDEN, 2001, p. 65). Aqui é interessante observar que, no poema, a construção “Amanhã o futuro talvez” repete aquela “Ontem o futuro”, da primeira estrofe. O poeta mais uma vez busca delinear as fronteiras que separam a história no tempo. Percebe-se também que a própria presença de um **Amanhã** para o poeta é incerta, uma vez que a ele complementa um “talvez”. Quanto aos versos, de modo geral, eles evocam imagens que suscitam tanto o progresso quanto o tédio cotidiano. Ideia semelhante surgirá nas duas estrofes seguintes, talvez as mais otimistas de toda a obra: “Amanhã o amor romântico descoberto uma outra vez/ A fotografiação de corvos; o divertimento todo à/ Sombra magistral da Liberdade;/ Amanhã a hora do diretor de préstito e do músico” (AUDEN, 2011, p. 66). Essa estrofe parece acrescentar otimismo às reflexões sobre um futuro de progresso e tédio; as imagens evocadas tratam também de uma retomada das artes ao cotidiano daquela civilização então fragmentada, ideia que segue na próxima e última estrofe que versa sobre o **amanhã**: “Amanhã, para os jovens, poetas explodindo feito bombas,/ O passeio à beira do lago, o inverno de perfeita comunhão:/ Amanhã a corrida de ciclistas/ Pelos subúrbios nas tardes de verão; hoje porém a luta” (AUDEN, 2011, p. 66). Esse futuro incerto vislumbrado pelo poeta quer abrigar as manifestações artísticas, o cotidiano em que os cidadãos **colhem o dia**, e em que as únicas referências bélicas se encontram nas explosões líricas da poesia. E por ser um futuro

incerto, a já marcada frase “Hoje porém a luta” surge ao final da estrofe para lembrar o leitor do seu compromisso no presente.

Por mais que o presente seja evocado por meio da repetição da frase “Hoje porém a luta”, e estando, portanto, em trânsito nas estrofes que versam sobre **ontem** e **amanhã**, ele ganha um protagonismo próprio no poema a partir das duas estrofes finais que sucedem aquelas que falam sobre o futuro. Essas estrofes, iniciadas pelo adverbio **hoje**, estão preenchidas por versos que carregam imagens pessimistas, de um tempo enfadonho de disputas e misérias, no qual o poeta não reverbera acontecimentos, como no **ontem** e tampouco sonha, como no **amanhã**, mas em que **relata** a atual queda da Espanha:

Hoje o inevitável aumento das chances de morrer
A cônica aceitação da culpa no fato do assassinio;
Hoje o dispêndio de poderes
No enfadonho, efêmero panfleto e no comício chato

Hoje as consolações provisórias; o cigarro partilhado;
As cartas no celeiro à luz de vela e o concerto improvisado
Os gracejos masculinos; hoje o
Abraço canhestro, insatisfeito, antes da dor.
(AUDEN, 2013, p. 67)

Essa estrofe, que abre com o “inevitável aumento das chances de morrer”, entrega desde já o cenário da Guerra Civil. O poeta infere suas visões a respeito da propaganda política e dos jogos de poder. A miséria surge nas imagens de um cigarro partilhado, das cartas à luz de vela. Consolações e abraços canhestros surgem também como tentativa de alívio àquele momento da história. Ainda sobre o presente, é importante percebermos que ele ocupa locais estratégicos no texto, ele surge ao divagar sobre o passado e também no salto no qual vislumbra o futuro, mas o seu espaço na obra está nas três estrofes finais, quebrando uma ideia linear de **ontem-hoje-amanhã** e lançando uma visão da história como narrativa cruzada. A última estrofe é a consideração final sobre o momento presente, é onde afirma: “As estrelas estão mortas; os animais não veem;/ Estamos sós com o dia que nos coube, o tempo é curto e a/ História em vias de derrota/ Pode dizer um ai mas não nos pode absolver nem ajudar” (AUDEN, 2013, p. 66). Nessa confissão final, fica claro o papel da História e do passado nos fatos e nas reflexões produzidas por Auden. Assim conclui as

reflexões acerca do **hoje**, do **presente** testemunhado pelo poeta na Espanha do ano de 1937.

Conclusão

Tanto a obra *A España después de la revolución de marzo*, de Quintana, quanto *Spain*, de Auden, têm algo em comum que ultrapassa o simples tema da pátria espanhola: ambos os textos são engajados e refletem valiosas percepções políticas e históricas a respeito de fatos ocorridos naquele país em diferentes períodos da história. E apesar de refletirem sobre diferentes momentos, ambos utilizam “sinais históricos”, para rememorar uma Espanha de passado de expansionismo e grandezas, que aqui pode ser encarado como recurso nostálgico para evocar um passado, em comum, no qual, ambos acreditam, a civilização espanhola gozava de uma **era de ouro**. Esse passado, para os dois poetas, seria um espelho no qual todas as ações caóticas do presente deveriam ser refletidas a fim de buscar uma identidade, ou essência perdida.

Podemos dizer, portanto, que a presença da história, tanto na narrativa de Quintana, quanto na de Auden, serve como um modelo para uma identidade e um sentimento patriótico que se encontrava abalado naqueles distintos momentos. Os aspectos históricos nos versos compostos pelos dois poetas, mesmo que de forma lírica, não deixariam essas obras para trás no sentido de uma narrativa literária histórica, não fossem as formalidades e critérios daquelas teorias.

Conclui-se, então, retomando as ideias de Assmann, aqui brevemente citadas, que tanto Auden quanto Quintana utilizaram de seus artifícios de poetas para evocar e reverberar a história de um povo para as gerações futuras, valendo-se, no âmbito literário, menos da ficção estritamente dita — como numa narrativa literária histórica — e mais do testemunho misturado ao olhar íntimo e singular dos fatos — apoiados no gênero lírico — provando assim, mais uma vez, a linha tênue que separa o trabalho do historiador e do poeta nos rumos da História.

Referências

ARISTOTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

AUDEN, W.H. Spain 1937. *In*: **Poemas**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 61-7.

AUST, H. O romance histórico e suas formas. *In*: Mello, Ana Lisboa de (Org.). **Literatura e História**: Encontros contemporâneos. Tradução de Pedro Theobald. Rio de Janeiro: Gradiva, 2016.

BOYM, S. **The future of nostalgia**. New York: Basic Books, 2001. [Versão digital].

GARFIELD, E. P.; SCHULMAN, I. A. **Las literaturas hispanicas**: introducción a su estudio. Detroit: Wayne State University Press, 1991.

ORWELL, G. Inside the whale. *In*: **Inside the whale and other essays**. London: Victor Gollancz, 1940. Disponível em: <https://orwell.ru/library/essays/whale/english/e_itw>. Acessado em 20 de julho de 2020.

QUINTANA, J. M. A España después de la revolución de marzo. *In* **Cien mejores poesías líricas de la lengua castellana**. Selección de Don M. Menezes y Pelayo. Madrid: Victoriano Suárez, 1910. p. 179-183.

Recebido em 14 de agosto de 2020
Aprovado em 20 de outubro de 2020